

A folkcomunicação e a criação do Tocantins: o caso de um almanaque separatista¹

Irenides Teixeira²

Lailton da Costa³

Resumo. Este artigo analisa como a Folkcomunicação foi utilizada pelo movimento separatista do Tocantins na década de 1950. Através da análise de discurso do *Anuário do Tocantins*, publicado no norte de Goiás [atual Tocantins], o trabalho descreve a estratégia adotada pelos protagonistas da publicação de inserir dados históricos, estatísticos e reportagens sobre as cidades, o campo e a economia da região, a partir da temática inerente aos almanaques, influenciados pelo *discurso separatista* que reivindicava o desmembramento da região em um estado autônomo. O resultado foi um gênero de almanaque cuja estratégia editorial consistiu em fazer uso dos almanaques, gênero folkcomunicacional escrita de tradição, uso e penetração no Brasil, para inserir um jornalismo ávido por mobilizar a região em torno do ideal separatista.⁴

Palavras-chave: Folkcomunicação; Separatismo; Anuário do Tocantins.

O movimento separatista do Tocantins tem suas origens no século XVIII, na região das antigas minas do norte goiano. Ao longo do século, experimentou diversos projetos até culminar no desmembramento do Estado do Tocantins em 1988, cuja criação, como esclarece a historiadora goiana Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante (2000, p.1), “legitimou um projeto de autonomia que expressava as necessidades econômicas e político-administrativas de seu próprio tempo, mas trazia também as falas de outras gerações e seus projetos inconclusos”.

Rosa Cavalcante destaca três momentos marcantes no percurso da criação do estado, dentro do que ela denomina ‘discurso autonomista’⁵ do Tocantins: os anos 20 do séc. XIX (1821-1823) e as décadas de 50 e 80 do século XX (1956 a 1960 e de 1985 a 1988).

Esse segundo momento histórico de luta separatista (1956-1960), acontece quando a região norte do Estado de Goiás experimenta novas manifestações desse “discurso autonomista” reivindicando o desmembramento da região norte de Goiás para formar um estado autônomo. Embora não retratasse um discurso homogêneo, o período é reconhecido como de forte

¹ Trabalho apresentado ao NP 17 - Folkcomunicação, do Congresso Brasileiro de Comunicação. Porto Alegre, 2004.

² Mestre em Comunicação e Mercado (Cáster Líbero-SP), professora de Fotografia no Curso de Jornalismo no Centro Universitário Luterano de Palmas -Tocantins (CEULP/ULBRA). E-mail: irenides@ulbra-to.br

³ Jornalista, com Especialização em Organização de Arquivos (USP), professor do Curso de Jornalismo no Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA). E-mail: lailton@ulbra-to.br

⁴ A base do presente trabalho foi a monografia defendida por Lailton da Costa, como TCC do curso de Comunicação Social-Jornalismo, na Universidade do Tocantins (Unitins) em 2002, sob a orientação da Profa. Dra. Marina Haizenreder Ertzogue, que enfocava o processo comunicacional do *Anuário do Tocantins*. A pesquisa foi depois redirecionada por Lailton da Costa e Irenides Teixeira visando analisar a apropriação política de um elemento de folkcomunicação pelo movimento político de separação do Tocantins.

⁵ Utilizamos aqui a expressão que aparece nos trabalhos da historiadora goiana Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante (2000), que dedicou a dissertação de mestrado e tese de doutoramento ao movimento separatista do Tocantins.

manifestação desse movimento, principalmente a partir da segunda metade da década. Essas manifestações, como veremos adiante, têm implicação direta com o *Anuário do Tocantins*, objeto de estudo desse trabalho.

A *retomada*⁶ separatista da década de 1950 dá-se em Porto Nacional⁷, palco das principais manifestações que passaram à história como o “movimento de 56”. Nesse período, o município ainda ostentava a posição de ser um dos maiores do norte goiano, abrangendo diversas vilas e distritos. Uma delas chamava-se Piau, que mais tarde tornaria-se o município de Pium. Nessa vila, em 22 de julho de 1951, teve início a circulação do jornal *Ecos do Tocantins*. Dirigido por Trajano Coelho Neto, *Ecos* circulou por mais de uma década e foi extinto na data de seu 11º aniversário, em 22 de julho de 1961, alcançando a marca de 600 edições. A única interrupção ocorreu em fins de 1954, por dificuldades financeiras nas empresas do proprietário.

Só retornaria no início de 1955, quando é contratado um gráfico com passagens por jornais no Maranhão e em Goiás. O gráfico era Ateneu Rego Santos e chegava para assumir a função de gerente-secretário, com a missão principal de reativar a circulação da folha, organizar o setor de publicidade e dar uma nova programação visual a *Ecos*.

Uma das medidas adotadas por Ateneu foi sugerir, em dezembro de 1955, a criação de uma nova publicação. A idéia era lançar “um manual informativo, a ser atualizado uma vez por ano, podendo ser útil como órgão de consultas também fora da região, bem como tornar-se veículo atraente para anunciantes de outras partes do país, o que, certamente, representaria fonte de receita para sustentar a publicação”. (SANTOS, 2002).

O interesse primário era dotar a empresa de uma iniciativa rentável. “Apesar das condições desfavoráveis da cidade de Pium para sediar um empreendimento de tal significado, procurávamos encontrar alternativas para a empresa crescer”, revela Ateneu (idem). Nascia ali o *Anuário do Tocantins*, nascimento que seria depois anunciado no jornal *Ecos do Tocantins*, em um texto que dá visibilidade à feição gráfica da obra, sua amplitude, tiragem e conteúdo:

Durante o próximo ano de 1956, as oficinas deste jornal estarão também a serviço do «Anuário do Tocantins» para 1957, publicação em forma de almanaque, com cerca de 200 páginas, a ser lançada em todo o Brasil, desta cidade. Trata-se provavelmente, do mais arrojado empreendimento, no gênero, em toda a região tocantina, mercê da vultuosa tiragem – 20 mil exemplares – e caráter verdadeiramente original que se lhe pretende emprestar na feição gráfica e

⁶ E ao considerarmos que tratava-se de uma *retomada*, concordamos com Cavalcante no alerta de que o ‘movimento separatista’ não desenvolveu-se como um continuum: “o discurso autonomista, aparentemente, pode remeter a uma idéia de continuidade, de unicidade, que extrapolou século e décadas, mas a recuperação dos outros momentos em que os projetos de autonomia foram articulados indica as circunstâncias e as particularidades dos tempos históricos considerados”.

⁷ Porto Nacional é uma das cidades históricas do Tocantins, localizada a 60 km ao sul de Palmas-TO. Seu primeiro nome foi Porto Real, depois Porto Imperial. Mudaria o nome para Porto Nacional em 7 de março de 1880, como reflexo das mudanças governistas desencadeadas por Marechal Deodoro da Fonseca que buscava dissipar os vestígios da monarquia. O município manteve-se ao longo de muitos séculos como um dos mais importantes do norte de Goiás, estendendo sua influência até a divisa com o Maranhão. Situado às margens do Rio Tocantins, foi o município pioneiro na navegação desse rio. Dali partiam em direção ao norte do país os barcos que supriam a região com os víveres essenciais. Em Porto Nacional nasceu a imprensa da região norte de Goiás em 1891, com a circulação do *Folha do Norte*.

conteúdo, com o intuito de que represente uma verdadeira enciclopédia deste vasto pedaço do Brasil. A programação dos trabalhos para feitura de citada obra já está sendo elaborada pela própria equipe deste jornal, bem como a esquematização do vasto plano de difusão de seus propósitos em busca de apoio pelo país inteiro. Voltaremos ao assunto em próximas edições, porém logo asseguramos a realidade dessa importante iniciativa que foi idealizada por nosso companheiro Ateneu Rêgo Santos e é dirigida pelo criador de “ECOS DO TOCANTINS” – jornalista Trajano Coelho Neto(sic) (ECOS, p.1. 17 dez. 1955).

Em outro texto, o *Anuário do Tocantins* é apresentado como uma das vozes a bradar pelo desenvolvimento da região, uma vez que “o nordeste de Mato Grosso, o centro-norte goiano, o sul do Maranhão e a colossal faixa tocantina do Pará, constituem soberbo manancial de riquezas pouco exploradas e de largas possibilidades, ainda sem representação condizente no seio das zonas populosas” (ECOS, p.4 31 dez. 1955).

Se a idéia de criação do *Anuário* surgira da necessidade de um veículo que repercutisse o potencial do lugar e arrecadasse dividendos à empresa, logo receberia influência do desejo alimentado pela região norte de Goiás de criar o Estado do Tocantins. No decorrer do ano de 1956, a população de Porto Nacional retomava o movimento separatista através de manifestações locais e regionais. Comícios são organizados, bandeira, hino e padroeiro para o novo Estado são escolhidos e uma reunião é realizada com os prefeitos da região. Apreendendo essa realidade *Ecos do Tocantins* passa a publicar textos que apoiavam o ideal de criação do Tocantins. A mobilização ganha espaço através de artigos proclamando a criação do estado, o que levou o jornal a ocupar papel relevante no movimento separatista, segundo as interpretações da jornalista Aurielly Painkow (2002, p. 87).

O ápice desse movimento de 56 é a criação da Comissão de Estruturação Jurídica do Estado do Tocantins, a Cejet, que tinha o objetivo de dar respaldo legal e jurídico ao movimento. Um dos líderes era o juiz Feliciano Machado Braga. Ao lado do gráfico João Matos Quinaud, e dos populares Deocleciano Aires, Oswaldo Ayres e César Freire, manteria, a partir de agosto daquele ano, o jornal *O Estado do Tocantins*, “como instrumento de mobilização, propaganda e informação” do movimento (CAVALCANTE, 2000, p.72) O objetivo era solidificar as idéias separatistas nas páginas desse periódico. As palavras de ordem eram separação, autonomia, desenvolvimento.

Portanto havia na região toda uma conjuntura orquestrada por sujeitos com interesses nítidos na criação do Estado do Tocantins naquela década. E foi essa conjuntura que influenciou na publicação do *Anuário do Tocantins*, pensado para ser mais uma ferramenta de fortalecimento dessas idéias. Sintonizados nesse contexto sócio-político, os protagonistas criaram-no para que formasse, ao lado de *Ecos do Tocantins* e de *O Estado do Tocantins*, uma trilogia jornalística e comunicacional com a responsabilidade de materializar as informações sobre as dificuldades e necessidades da região, mas, sobretudo, acerca do potencial do novo estado.

Gestado para ser a “representação condizente” da região outorgava-se ao anuário a missão de materializar as informações “do vale tocantino”, a fim de que as riquezas da região “fossem melhor conhecidas lá fora” em uma publicação “de característica mais permanente que um simples jornal” e que fosse baseada na “realidade regional”. Afinal, o “extenso vale tocantino” possuía

apenas modestos jornais, não raro de circulação inconstante – pelas inúmeras dificuldades em que luta a imprensa sertaneja – bastando ver que o número de circulação regular, presentemente, em toda a região tocantina, excluindo a antiga capital de Goiás e Formosa, já no Planalto Goiano e o Baixo Tocantins é a folha ‘ECOS DO TOCANTINS’ (sic) (ECOS, p. 4, 31 dez. 1955).

O diferencial foi o modelo escolhido: um *Almanaque*, “veículo que comporta e nos traz sempre a idéia de uma grande modernidade”, na tese de Jerusa Pires Ferreira (2001, p. 19-22). Um almanaque com os seus aspectos civilizatórios “chegando aos mais distantes sertões, aos povoados mais antigos, afastados e mesmo nas cidades, numa integração de domínios rurais e urbanos, transitando entre classes sociais, exercendo a aproximação efetiva de repertórios” (id., *ibid.*).

Essas características, próprias dos almanaques, justificam a escolha do formato. Na compreensão de Luiz Beltrão, (1971, p. 87) formam um “gênero da folkcomunicação escrita de muita tradição, uso e penetração no Brasil”. E, se almanaques de informações gerais, “são redigidos e organizados com o único propósito de instruir e entreter, fixando e documentando os principais fatos do país e do mundo”, acentua o pesquisador, pioneiro no estudo da *folkcomunicação*. Para Beltrão, os almanaques constituem-se “um dos mais apreciados e bem acolhidos veículos de comunicação coletiva, mesmo quando o público sabe qual o interesse dos seus editores”. Esses, “elaborados e divulgados com determinados propósito são ainda de maior aceitação do que os outros”. Os motivos seriam a “variedade de temas, pela leveza no tratamento dos assuntos, pelo emprego de recursos intelectuais e gráficos visando o entretenimento ao mesmo tempo que a educação” (BELTRÃO, 1971, p. 88).

Portanto, o *Anuário do Tocantins* nasceu para suprir uma necessidade comunicacional da região e o formato escolhido foi um almanaque, dada aceitação tradicional do formato. E se ao falar em estilos e modelos “o jornalismo é a busca da circunstância nova”, como destacou Alberto Dines (2001, p.52) isso nos permite compreender a escolha.

Não que os almanaques na região fossem coisa nova. Sabe-se que no Brasil desde o século XVIII circulam almanaques. Primeiro vindos de Lisboa. Caso do *Almanach* para o ano de 1796, das *Officinas da Academia Real das Sciencias* que circulava no Rio de Janeiro e outros que foram sendo publicados posteriormente, a ponto de tornarem-se ao longo da história, ícones da cultura brasileira, na feliz colocação de Jerusa Pires Ferreira (2001, p. 19-22).

Com um caldo cultural diversificado, miscigenado, originado a partir do formato do jornal (uma folhas dobrada duas vezes) o Almanaque foi se ampliando e florescendo em “almanaques cômicos, proféticos, pitorescos, astronômicos, astrológicos, anedóticos e outros que tentavam levar a sério alguns assuntos e responder a necessidades básicas do leitor”, como quer Casa Nova (1996, p.21). Daí que o almanaque pode ser considerado o precursor da revista moderna.

Foi Luis Beltrão (19971, p.87) que classificou os almanaques como gêneros de folkcomunicação e destacou as temáticas encontradas no gênero:

O calendário, cálculos astronômicos, festas fixas e móveis da igreja, correspondência das eras históricas, previsões meteorológicas, horóscopos, informações agrícolas, problemas charadísticos, adivinhas, palavras cruzadas, cartas enigmáticas, máximas, anedotas, historietas e piadas ilustradas, informações sobre geografia, história, avanços da ciência, obras artísticas e literárias, sonetos, poemas e trovas, e conselhos úteis relativos à higiene, alimentação, etiqueta, puericultura, beleza, economia doméstica (idem).

E esses são também os temas encontrados no *Anuário do Tocantins* amálgama de literatura, festas religiosas, calendário, eclipses, curiosidades, dados estatísticos, conselhos de saúde, receitas culinárias, história social e econômica das cidades, notas científicas, charadas e passatempos.

Nesse amálgama temático encontra-se inserido o discurso autonomista, com reportagens sobre o novo Estado e seus municípios, descrevendo aspectos históricos e econômicos dos municípios e na publicidade do “vale tocantino”. Uma apropriação do almanaque para a inserção de conteúdo autonomista pelo movimento separatista do Tocantins.

Essas inserções nos remetem à idéia de Jerusa Ferreira acerca da especificidade presente no almanaque: “um conjunto estabilizado” com a “inserção do novo”; “Jogo, divertimento, informação pragmática, articulação de antigas crenças e ritos, e ainda a inserção de novos dados que podem parecer corpos estranhos” (FERREIRA, 2001, p. 19-22).

E o novo, no *Anuário do Tocantins*, é o progresso, o desenvolvimento autônomo da região. É “desvendar aos olhos do Brasil Carioca, do Brasil Gaúcho, do Brasil Pernambucano” (ECOS, p.1, 1 dez. 1956), o Tocantins sertanejo, incrustado no Norte de Goiás.

Mostrar o Tocantins aos *Brasis*. Um desvendar que começa pela capa. Ali se vê, no alto, um sol que derrama seus raios sobre os municípios da região até atingir o Rio Tocantins⁸, confirmando a idéia de Casa Nova de que a capa é o “cartão de visita” do almanaque: “A capa, desenho ou fotografia, é a representação, em termos gráficos, do conteúdo que virá no

⁸ Coincidentemente, anos depois, após a tão sonhada criação do Estado do Tocantins, um dos principais slogans estatal parodiava a quintessência dessa idéia: “Terra onde o Sol nasce para todos”. A capa, única parte colorida do anuário, foi objeto de colaboração exógena à equipe do anuário. A arte final coube ao agrimensor Juarez Santana de Araújo, na época o diretor geral do Escritório Geodésico de Precisão, de Porto Nacional que, na opinião de Ateneu, “acertou a idéia” de “criar um foco iluminando os municípios”: mostrar o Tocantins ao Brasil. (SANTOS, 2002c.)

almanaque” (CASA NOVA, 1996, p. 74).

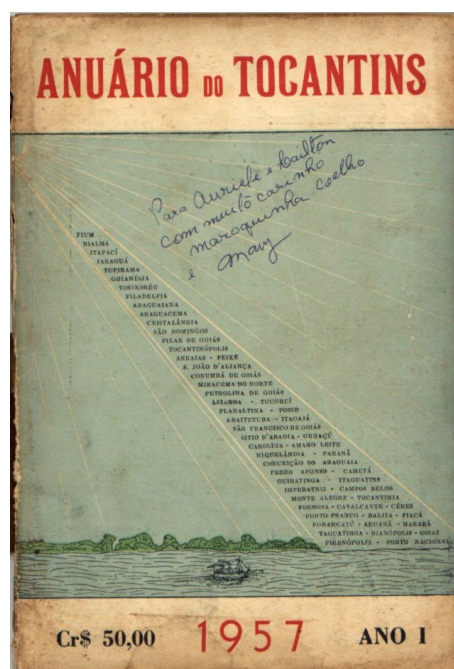


FIGURA 1 – CAPA DO ANUÁRIO DO TOCANTINS

No caso do *Anuário do Tocantins*, ao decodificar o seu conteúdo as unidades temáticas podem ser aglutinadas na tipologia proposta já por Luis Beltrão (1977, p. 121), que classifica as mensagens da comunicação em: informativa, opinativa, recreativa, educativa, econômica e política/filosófica. Classes estas que foram atualizadas por José Marques de Melo (1998, p.21) na Comunicação Comparada moderna em: Jornalismo, Instrução, Lazer e Propaganda, sob cujos auspícios se decodificará o conteúdo do Anuário.⁹

O *Anuário do Tocantins* para o ano de 1957 tem o formato 16 x 23cm fechado, totalizando 345cm² de área na capa. Seu miolo possui uma mancha gráfica no formato 13 x 19cm, no total de 247cm² por página interna, distribuídos em duas colunas por página. Somando-se as 144 páginas internas mais as páginas da capa e contracapas, têm-se o total de 36.752 cm² de área impressa.

Quanto ao corpo do Anuário dos 36.752 cm² de sua mancha gráfica total, mais de 60% continha informações na categoria *jornalismo*. A categoria *propaganda* foi a segunda colocada em ocupação desse espaço gráfico (18,42%), seguida da categoria *lazer* (16,26%) e por último a categoria *instrução*(5,05%). Em relação à vinculação geográfica 80,82% do conteúdo total era relacionado a assuntos regionais e 19,18% a assuntos de veiculação nacional.

⁹ A decodificação foi feita através de uma adaptação do método comparativo, que permite quantificar os elementos comparados, facilita a descrição morfológica e a análise do conteúdo de uma área impressa. Foi feita a mensuração de toda a superfície impressa usando como unidade de medida o centímetro quadrado (cm²) resultante da equação 's=a.b', onde 's' é área total, 'a' largura e 'b' é altura. Com os dados construiu-se um banco, em planilhas, indexados por página e por título de cada texto do anuário. Cada texto foi decodificado por gêneros, formatos e temáticas relacionados abaixo, a partir do esquema desenvolvido por José Marques de Melo e Adolpho Queiroz (1998).

O gênero predominante no jornalismo foi o *informativo*, ocupando quatro vezes mais espaço que o *opinativo*, o que sugere que se buscou cumprir o objetivo de configurar a publicação como um manual informativo sobre a região. E o formato que mais ocupou espaço foi *reportagem* (71,74%) seguida de *serviço* (19,94%). Nessas reportagens as temáticas predominantes foram: *cidade* (61,78%), *campo* (19,62%) e *meio ambiente* (8,12%). Já na categoria *serviço*, a temática prevaiente foi *tempo* (34,76%), onde se enquadra calendário, eclipses e fases da lua, seguida de *utilidade pública* (21,10%) e *sociedade* (14,75%).

Quanto ao gênero *jornalismo opinativo*, o formato predominante foi *artigo* com 85,31% da área gráfica seguido pelo formato *coluna* com apenas 6,63%. Também nesse gênero, prevalecem as temáticas *campo* (44,66%), *economia* (25,65%) e *cidade* (24,73%), basicamente as mesmas temáticas existentes no *jornalismo informativo*.

A partir dos números dessa primeira e mais privilegiada categoria do *Anuário*, pode-se perceber que a meta de divulgar o potencial econômico da região tocantina foi perseguido no corpo da obra. *Cidade*, *campo* e *economia* foram as temáticas mais presentes, tanto no gênero informativo quanto no opinativo. O que confirma a opinião de Maria Coleta Oliveira, na qual os almanaques, quando produzidos por indivíduos comprometidos com a vida local, “se propõem a informar sobre as características da vida social e econômica as localidades, registrando, [...] o cotidiano das cidades” (OLIVEIRA, 2001, p. 23-24).

Esse compromisso do anuário, além de ilustrado na capa e explicitado na ocupação privilegiada do conteúdo informativo, pode ser notado também no editorial da obra. Ali está registrado a quem a obra veio: cristalizar “o lance inicial rumo ao seu mais visado objetivo – mostrar o Tocantins ao Brasil.”¹⁰

Esses dados permitem a leitura de que o *Almanaque do Tocantins*, ao privilegiar o jornalismo e no bojo dessa categoria destacar a cidade, o campo, o meio ambiente e a economia, pareceu-nos incorporar à sua mensagem o deslocamento ocorrido na economia brasileira durante os anos 1950, quando o desenvolvimentismo de JK movia o eixo agrário para o eixo industrial. Pode vir daí a “hegemonia do urbano sobre o rural”, na expressão de Casa Nova (1996, p. 90).

O urbano como o lugar do progresso, do desenvolvimento. E da autonomia.

Daí mostrar as cidades, a região do vale tocantino. Foi assim que as cidades que se envolveram na idéia, enviando cartas com seus dados econômicos e sociais para a redação, mereceram uma página padrão na qual foram destacadas a história, limites, clima, geografia,

¹⁰ EDITORIAL. In: ANUÁRIO DO TOCANTINS 1957. Pium: Gráfica Ecos do Tocantins, 1957, p. 3

população, riquezas naturais e outros dados estatísticos.¹¹

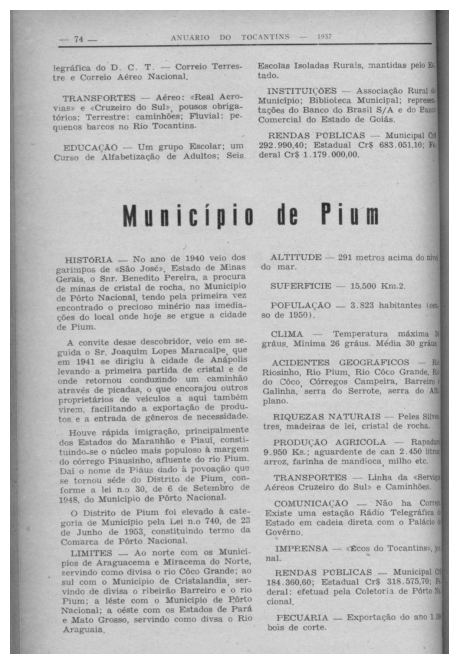


FIGURA 2 – PÁGINA DE REPORTAGEM SOBRE CIDADE

Textos que evidenciavam as cidades, seu potencial e sua riqueza.

Riqueza que está na cidade, no campo, no sertão ávido de progresso, ainda que abandonado. Como mostra o trecho de artigo “um front da civilização sertaneja”, do padre Luiz Maya:

Entretanto afirmar que os Sertões não progridem; estão paralisados quais parasitas a sugar a energia vital do restante da Pátria; não vivem, mas vegetam a mercê da sua própria sorte e dos ventos favoráveis – é negar a realidade do fato. Nós, seus Filhos, os vemos na beleza da sua rusticidade, da sua energia inesgotável, da sua incalculável força de trabalho. Nós não os conhecemos paralisados pelas injunções políticas ou pelos interesses partidários. Nós os vemos, ao contrário, sobrepassar os entraves humanos e sociais para seguir seu destino. Para trilhar a via do progresso. Progresso vagaroso, difícil mesmo, mas autêntico, porque progresso homogêneo. Porque progresso vital. É o progresso de quem luta só contra toda sorte de reveses e dificuldades. Progresso que se firma a custa de sangue e de mil sacrifícios. [...] Progresso que se manifesta no plano educacional com a multiplicação das Escolas e dos Colégios [...] Que sobretudo se desenvolve no surto crescente de novas e grandes cidades que, dia após dia, vão surgindo nos sertões, salpicando de civilização suas inhóspitas regiões (sic). (MAYA, 1957, p.19)

E essa transição do rural para o urbano, além de presente no *jornalismo* também está representada no anuário por meio da *instrução*, dos *conselhos*. Os *conselhos de saúde*, as *receitas culinárias* e as *notas* de comportamento, que integram o gênero *instrução informal*. As *notas* e *receitas* instruem para o aproveitamento da fortuna material do sertão, transformando-as em sobremesas urbanas, salpicos de civilização:

Cosinha Rural. Nas fazendas, onde há abundância de material mais empregado nas sobremesas isto

¹¹ As cidades retratadas no Anuário foram: Araguacema, Araguatins, Campos Belos, Carolina (Ma), Conceição do Araguaia (PA), Cristalândia, Filadélfia, Itacajá, Itaguatins, Natividade, Lizarda, Miracema do Norte, Niquelândia, Paranã, Pedro Afonso, Peixe, Pium, Porto Nacional, Taguatinga, Tocantínia, Tocantinópolis e Turiparama.

é: ovos, manteiga e leite, a facilidade em variá-las é bem maior. Aqui estão algumas receitas de pudins, que, além de serem muito práticas, são deliciosas. PUDIM DE MILHO VERDE-
INGREDIENTES: 12 espigas de milho, leite de um côco sem água, 2 colheres de maisena, 2 colheres de sopa de farinha de trigo, 1 xícara de açúcar, 1 pitada de sal, 1 pau de canela e 4 ovos... (ANUÁRIO..., 1957, p. 117)

Ou na utilização do trivial do sertão em auxílio à Ciência buscando uma vida longa e saudável:

Use a coalhada. Metchnikoff atribui a degenerescência senil a perturbações provocadas por micróbios que pululam no tubo digestivo, com especialidade o grosso intestino, produzindo toxinas que, lentamente, são absorvidas pelo sangue, provocando irritações imperceptíveis, que culminam com a generalização da escleroso. Coube a Metchnikoff encontrar na coalhada o 'elixir da longa vida', porque produz higiene científica do tubo digestivo, destruindo os germes responsáveis pela velhice prematura. Atribui-se a longevidade do povo búlgaro ao uso da coalhada. (ANUÁRIO, 1957, P. 119).

Mas com higiene e limpeza: “Para limpar caçarolas em cujos fundos estejam aderidos restos de comidas, o melhor processo consiste em se deixar ferver nelas, por bastante tempo, água com cinza”. (ANUÁRIO, 1957, p. 118).

Um combate, ou quem sabe a negação, da associação da imagem do Jeca Tatu à imagem do sertanejo, difundido em outros almanaques da época, como apontou Casa Nova ao afirmar que se os anos de 30 a 50 se caracterizam pela industrialização e conseqüente urbanização, “com elas, em seu bojo, vem a preocupação positivista de *Ordem e Progresso*”. E a “figura do Jeca Tatu aparece, assim, como um suporte simbólico para a construção da figura do trabalhador rural, que se opõem à figura do trabalhador urbano” (CASA NOVA, 1996, p. 90).

E se a palavra de *ordem* é o *Progresso* o progresso da região Tocantina o que é? É o Estado do Tocantins o novo celeiro da república. Estado que já possui símbolos e santos. E se o “Congresso Nacional não negou Brasília a Goiás”, a Assembléia Legislativa de Goiás “não negará o Estado do Tocantins ao Brasil”:

No dia 11 de junho foi criada a sua bandeira. Possui ela 13 listas verdes e brancas, com a mesma significação das côres da Bandeira Nacional. O seu número 13, porque o manifesto pró-autonomia foi lançado no dia 13 de maio. Possui ainda uma lista vermelha do canto esquerdo para o direito, exprimindo o ardor, o calor, o entusiasmo da campanha. Vê-se mais no centro dessa lista a palavra VÉLO, que simboliza a presença do Estado do Tocantins, olhando e cuidando diretamente dos interesses do povo, da região e os do Brasil, principalmente os da Bacia Amazônica, da qual o Estado caçula será um soldado sempre acordado. [...] Santo padroeiro do Estado: O Divino Espírito Santo (ANUÁRIO, 1957, p. 42-43).

Mas o progresso precisa ser anunciado, divulgado, propagandeado. Porque a publicidade é formadora de realidades: “pois ela mesma dá uma forma à realidade, ou ainda, ela dá um sentido, isto é, ao mesmo tempo uma significação e uma direção” (BARDIN, apud CASA NOVA, op. cit, p. 82). O Estado, para se tornar concreto, precisa de estradas, escolas e assim será transformado no “celeiro da nova capital do Brasil”. É a propaganda política do anuário a serviço da criação da Estado.

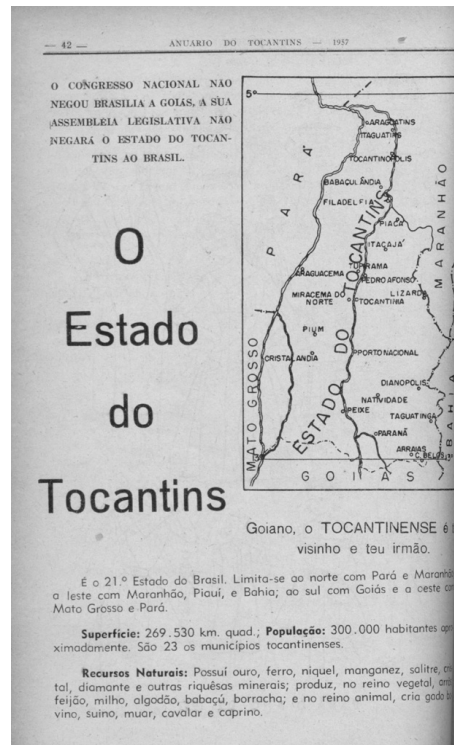


FIGURA 3 – PROPAGANDA DO ESTADO DO TOCANTINS

Anúncios avulsos, e classificados em forma de *indicadores*, formatos da categoria *propaganda*, a segunda a ocupar mais espaço no anuário. Há uma supremacia dos anúncios comerciais e políticos. Anúncios do comércio do sertão, utensílios, vestuários e ferramentas para o serviço do campo e da cidade. E ainda a publicidade das idéias políticas em prol do surgimento das cidades, estradas, escolas.

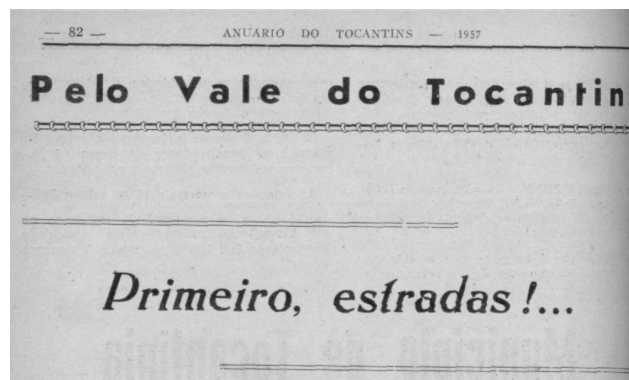


FIGURA 5 – PROPAGANDA DO VALE TOCANTINO

Toda essa divulgação, esse apelo ao progresso do sertão não tinha outro objetivo senão aglutinar a comunidade em torno da idéia de progresso, da autonomia da região, apesar das oposições, inclusive do legislativo goiano que barrava a criação do Estado. Diante dessa oposição do Legislativo naquele momento, um apelo da imprensa regional enaltecia as potencialidades do Tocantins, considerando-o como uma ‘Nova Canaã’. No mesmo, foram ressaltadas as riquezas naturais, como: as duas aquavias – os rios Tocantins e Araguaia – ; a

abundância de pescados; as minas de cristais de Cristalândia, Pium, Araguacema e Natividade; o ouro de Porto Nacional, Arraias e Natividade; as minas de mica de Peixe e Paranã, e também as jazidas moaozíticas (CAVALCANTE, 1999. p. 106). Era o *Anuário* juntando-se definitivamente às vozes autonomistas, ao movimento transitório do sertão do norte goiano para o urbano de um estado autônomo, o “celeiro da nova capital” do país.

Mas essa divulgação não era apenas grave, sisuda. Mesmo “a custa de sangue e de mil sacrifícios” é possível sorrir e ser feliz para o futuro que vem. No *Anuário do Tocantins* o festivo e o árduo seguem páginas adjacentes. “O lazer no almanaque é o jogo, o passatempo, a carta enigmática. [...] A cada página é o riso ou o sorriso que nos espera e nos espreita” (CASA NOVA, op. cit. p. 62). Na categoria *lazer* do *Anuário do Tocantins*, os gêneros presentes são *literatura*, *desenhos* e *passatempos*. Dos formatos existentes no gênero *literatura*, o predominante foi a *crônica* sobre cultura e comportamento, seguido de *curiosidade* e *pensamento*. No gênero *passatempo*, as *palavras cruzadas*, a *charada* e o *enigma*.

No *pensamento* a moral da história é não desfalecer ante os empecilhos e ter força para saborear a vitória futura:

Enfrentamos a vida com todas as suas vicissitudes, trabalhemos sem desfalecimentos para cumprir a sentença da Justiça Divina e justificar a nossa existência. Não nos esmoreçamos com os desacertos de nossos atos nem lastimemos os fracassos de nossas operações. Busquemos o consolo para o passado, coragem material para novas e mais vantajosas iniciativas (CERQUEIRA, 1957, p.24).

E a mais vantajosa iniciativa daquele período, era criar o Estado do Tocantins. Um estado em quem alguns aspectos ainda desconhecidos eram revelados através das seções de *curiosidades*:

Muita gente não sabe que existe uma ilha no rio Tocantins que serve de sítio de preferência para o desovamento das tracajás [...] A ilha da ‘Ema’ como é conhecida, dista 60 quilômetros, a montante da cidade de Tocantínia e 120 quilômetros de Porto Nacional. Ela é o marco de aviso aos navegantes sobre o trecho encachoeirado mais perigoso do alto Tocantins (sic) (CURIOSIDADES, 1957, p. 16).

A criação do Estado era vista como fator de progresso. Para o campo e para a cidade. Ainda que estas tivessem de passar por algum sacrifício, para que o futuro fosse exaltado, como no exemplo que aparece na crônica:

Deixa que o progresso te erga e te faça crescer, minha querida Carolina. Permita que o engenho humano te modifique, te corte as árvores, construa sobre teu sôlo edifícios gigantes, calce de pedras as tuas ruas gramadas, faça correr em tuas veias o sangue das grandes metrópoles, e, quando fôres tôda esplendor, tôda moderna, tôda grandiosa, eu, sonhando, recordarei de ti, terei saudades, muitas saudades... (GALVÃO, 1957, p.38).

E mesmo no enigma, uma mensagem positiva:

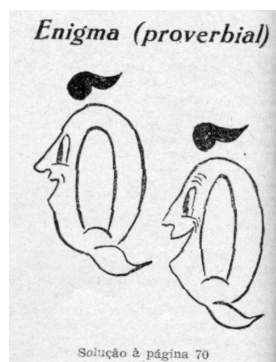


FIGURA 6 – ENIGMA¹²

Eis um pouco do caldo cultural do *Anuário do Tocantins*. Miscelânea de temas e categorias comunicacionais, que o configuram como um veículo folkcomunicacional e jornalístico progressista, aqui entendido como prega o professor Nilson Lage (2001, p.19), de que um jornalismo progressista “não é aquele que seleciona apenas discursos tidos como avançados em dado momento, mas o que registra com amplitude e honestidade fatos e idéias de seu tempo”.

O *Anuário do Tocantins*, portanto, foi uma atividade de comunicação em um contexto de demanda informativa, de conteúdo progressista, com objetivos de contribuir para o engrandecimento da região em que estava inserido. Amparado por ostensiva publicidade, estava revestido de aspectos favoráveis ao sucesso. No entanto teve publicada apenas uma edição, a de 1957, não sendo publicada nenhuma outra edição. E o sucesso de uma edição, sustenta Dines (op. cit. p.48), “para ser mantido vivo”, exige o sucesso da edição seguinte”.

Sob esse ângulo, reconhecendo o *Anuário do Tocantins* como uma ação comunicacional pragmática, cujos sujeitos, pares na relação sujeito/sujeito da ação comunicacional, estavam inseridos em um contexto sócio-político favorável a atividades de comunicação como a que se propunha o anuário é possível que a mesma conjuntura o tenha conduzido a um fracasso editorial.

Os 20 mil exemplares do anuário foram impressos em São Paulo, pois a gráfica de Pium não conseguia atender a qualidade gráfica pretendida. O lançamento ocorreu em 13 de abril de 1957. Sem festa, sem solenidades. Exemplares foram enviados a bibliotecas e escolas goianas e de outros estados.

As cartas recebidas pela redação revelavam a surpresa do público em face da qualidade do Anuário. É o caso da carta de Aquiles Maia, então vereador em Porto Nacional:

Meu caro Trajano. Saudações Tocantinenses. Somente hoje, chegou em minhas mãos o seu simpático “ANUÁRIO DO TOCANTINS”. Com muita satisfação e admiração folheei-o ligeiramente, lendo os títulos dos artigos e reportagens, apreciando a organização de todo seu conteúdo. Satisfação, disse, de vêr surgir numa das cidades mais novas do sonhado Estado do

¹² Resposta: “O que ri por último ri melhor”.

Tocantins, uma revista noticiosa, tão bem impressa e de encadernação admirável. Admiração porque nunca esperei uma obra dessa natureza, bem confeccionada e de leitura agradável e informativa. Julgava o seu feitio não passasse de um almanaguesinho como os muitos que aparecem por aí propagando produtos farmacêuticos dos Laboratórios. Você, meu caro Trajano, como os demais, gerente e colaboradores do “Anuário do Tocantins”, estão de parabéns por êste extranho avanço no campo da imprensa sertaneja, metodisando a divulgação pormenorizada com uma discriminação autêntica do extenso vale do Tocantins [...] (sic) (ECOS, p. 1. 18 maio 1957).

Diferente dos almanaques de farmácia, comuns naquela época – e inspiração do Anuário – este revelara-se de conteúdo mais consistente, entusiasmando os leitores, a julgar pelas cartas enaltecedoras publicadas pelo jornal do grupo. Diante da repercussão, a equipe de Ecos do Tocantins prepara, a partir de agosto de 1957, o lançamento do *Anuário do Tocantins* para o ano seguinte. A propaganda anuncia uma edição do “ainda mais completo informativo com dados atualizados, seguindo e registrando a historia do Tocantins” (ECOS, p.1, 24 ago. 1957).

No entanto o favorável contexto sócio-político da região, que fomentou o florescimento do anuário sofria alguns revezes. Cavalcante (1999, p.112), afirma que apenas dois anos após a proclamação autonomista de 56, em Porto Nacional, o movimento “aparentemente, aquietou-se”. Tal aquietação pode ter sido por pressão, em consequência da forte oposição ao movimento desde seu nascimento, incluindo o governador do Estado, Juca Ludovico, que chegou a afirmar sua oposição nos jornais, e que, “se necessário, empregaria todas as suas forças para esclarecer o povo sobre o sentido negativista do movimento” (ibid., p.106). Outro opositor ferrenho foi o único representante do norte de Goiás no Congresso Nacional, o deputado João de Abreu, que já havia elaborado um manifesto para tornar pública sua posição contrária à criação do Estado do Tocantins (id., ibid.). Além disso a assembléia do Estado também se posicionava contrária à divisão. Embora essa oposição não tenha sufocado de vez o movimento¹³, que continuou obtendo adesões até a década de 60, certamente a resistência dos poderes constituídos ao movimento influenciou no arrefecimento deste, e, por consequência, na continuidade do anuário, enquanto veículo integrado a esse movimento, mesmo não sendo essa a única causa.

Outro agravante foram as dificuldades da realização daquela edição. Entre elas destacam-se a apuração de dados e pouca colaboração dos municípios. Sobre as questões que levaram à interrupção do anuário, seu criador opina:

Foi a precariedade da época. Não tinha recursos, havia dificuldade de comunicação, e precisava ter uma certa renda, que era muito difícil a gente conseguir. Eram muito distantes os lugares que se podia vender anúncios. As cidades muito pequenas. A maior cidade que tinha era Porto Nacional. Ficava muito dispendioso. O custo benefício aí era inviável (SANTOS, 2002a).

¹³ ibidem

Considerações finais

Considerando a proposta para a presente análise e as questões levantadas no andamento da pesquisa, pode-se observar que o contexto reivindicatório de melhorias para a região norte de Goiás, através do seu desmembramento em um estado autônomo, influenciou na criação e publicação do *Anuário do Tocantins*, embora houvesse o claro interesse de se obter lucro com o veículo.

Nascido na efervescência política-social da década de 1950, período em que o movimento político-separatista do Tocantins apropria-se do veículo Almanaque, o *Anuário do Tocantins* trouxe em seu bojo uma gama temática abrangendo todos os aspectos da vida cotidiana do Sertão do Tocantins.

Essa temática variada foi selecionada seguindo uma tradição secular dos almanaques de equilibrar o antigo com a inserção do ‘novo’, abarcando valores e posturas da sociedade de seu tempo e, não raramente, questionando esses valores. A partir da temática inerente aos almanaques, gênero de folkcomunicação de larga aceitação no país, os protagonistas do *Anuário* inseriram dados históricos, estatísticos e reportagens sobre as cidades, o campo e a economia da região – para citar as temáticas mais presentes – influenciados pelo ideal separatista.

A estratégia gráfico-editorial constituiu em aglutinar o jornalismo sertanejo, ávido por divulgar a região, à aceitação tradicional de almanaques que circulam no Brasil desde o século XVIII, resultando numa miscigenação do formato do almanaque com revista de informações gerais, um formato precursor na região. O ideal do progresso e do desenvolvimento do sertão tocantinense foi anexado às temáticas dos almanaques que circulavam no Brasil, incluindo aí os almanaques de farmácia, comuns no interior do País, imbuídos do aspecto civilizatório, como definiu Jerusa Ferreira. Exatamente nessa estratégia editorial residiu, de um lado, a razão do seu sucesso e do outro, o seu fracasso. Ao ser atrelado ao movimento outorgou-se ao anuário a missão de divulgar a região, com o fito de engrandecê-la e contribuir para o seu desenvolvimento. Ao arrefecer o movimento, em razão das fortes oposições, enfraqueceu-se a onda de desenvolvimento e, por consequência, desencorajou os anunciantes da próxima edição. E a falta de anunciantes foi um dos fatores que contribuíram para a interrupção da publicação.

Referências Bibliográficas

ANUÁRIO DO TOCANTINS 1957. Pium: Gráfica Ecos do Tocantins, 1957.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de idéias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Teoria Geral da Comunicação**. Brasília: Thesaurus, 1977. (Série: Curso de Comunicação. v. 2.)

CASA NOVA, Vera. **Lições de Almanaque**: um estudo semiótico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **Tocantins**: O Movimento Separatista do Norte de Goiás 1821-1988. Goiânia: UCG. São Paulo: Anita Garibaldi, 1999.

_____. **O discurso autonomista do Tocantins**. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2000.

CERQUEIRA, Ananias Pinto. **Pensamentos**. In: ANUÁRIO DO TOCANTINS 1957. Pium: Gráfica Ecos do Tocantins, 1957.

CURIOSIDADES. In: ANUÁRIO DO TOCANTINS 1957. Pium: Gráfica Ecos do Tocantins, 1957.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. 7. ed. São Paulo: Summus, 2001.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYER, Malyse. Org.: **Do almanak ao almanaque**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

GALVÃO, Sebastião Alciones. CAROLINA. In: ANUÁRIO DO TOCANTINS 1957. Pium: Gráfica Ecos do Tocantins, 1957.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. São Paulo: Record, 2001.

_____. **Linguagem jornalística**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998. Série Princípios. 40 **Ecos do Tocantins**, Pium, p.1, 10 mar. 1956.

MAYA, Pe. **Um front da civilização sertaneja**. In: ANUÁRIO DO TOCANTINS 1957. Pium: Gráfica Ecos do Tocantins: 1957.

MELO, José Marques, QUEIROZ, Adolpho. **A Identidade da Imprensa Brasileira no final do Século**: das estratégias comunicacionais aos enraizamentos e às ancoragens culturais. São Paulo: Unesco Metodista, 1998.

OLIVEIRA, Maria Coleta. Os Almanques de São Paulo como Fonte para Pesquisa. In: MEYER, Malyse. Org.: **Do almanak ao almanaque**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

PAINKOW, Aurielly Queiroz. O jornal do Cristal: Um eco ressoa na região garimpeira. **Revista Ensaios**: comunicação em revista. v. 1. n.1. Palmas: Unitins, 2002.

PARK, Margareth Brandini, **Histórias e Leituras de almanaques no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

SANTOS, Ateneu Rego. Entrevista concedida a Aurielly Queiroz Painkow e Lailton Alves Costa. Palmas: 12 maio 2002.